

ILHA DE OUTEIRO: MEMÓRIAS E RESSIGNIFICAÇÕES

Heliana Rodrigues Bitencourt¹

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da dissertação apresentada como quesito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura intitulada: **Areião: Lugar de Sociabilidade e Pertencimento na Ilha de Outeiro**, tendo como principais questionamentos: O que caracteriza este espaço como lugar de sociabilidade e pertencimento? Qual sua contribuição social e cultural para os moradores da Ilha e das localidades ao seu entorno? E apresenta o resgate histórico de Outeiro a partir das memórias dos seus moradores atreladas as experiências sociais e expressões das identidades culturais vivenciadas no espaço de festas conhecido como Areião. Os dados apontam que o Areião é retratado como um espaço de trabalho e lazer construído por seus atores, os quais trazem em suas significações o sentimento de pertencimento sociocultural, o qual está atrelado as suas histórias de vida.

Palavras-chave: Memórias. Identidades culturais. Outeiro. Areião.

ABSTRACT

This article presents part of the thesis presented as part Question for obtaining a Master's degree in Communication, entitled Languages and Culture: Grit: Sociability Place and Belonging in Outeiro Island, the main questions: What characterizes the space as a place of sociality and belonging? What is the social and

¹ Graduada em Letras e Artes pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura. E-mail: helianabittencourt@yahoo.com.br

cultural contribution of Areião for residents of the island and elsewhere, especially those of your surroundings? And it presents the historical rescue of the island of Caratateua from the memories of its residents linked social experiences and expressions of experienced cultural identities within parties known as Areião. The data indicate that the Areião is portrayed as a workspace and leisure built by his actors, who bring in their meanings the sense of socio-cultural belonging, which is linked their life stories.

Keywords: Memories. Cultural identities. Outeiro. Areião.

INTRODUÇÃO

O estudo tratado neste artigo apresenta reflexões sobre o resgate histórico da Ilha de Caratateua a partir das memórias de seus moradores, as quais possibilitam uma aproximação com o contexto sociocultural construído nas dinâmicas cotidianas do passado e do presente.

Memórias que trazem consigo a ressignificação do espaço-tempo da Ilha, das formas de lidar com as transformações do espaço e das práticas sociais cotidianas, as quais estão imersas nas relações de poder e nas expressões culturais que trazem características específicas aos processos de construção identitária de sua população.

O trabalho da História Oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor (MONTENEGRO, 2001, p.16).

O uso da História Oral como recurso metodológico teve o caráter de acionar memórias afetivas e coletivas, posto que “o tempo histórico encontra, num nível mais sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta” (GOFF, 2005, p.13). Todavia, não se pode esquecer que o uso da cate-

goria “memória coletiva” requer cuidados como nos indica Goff (2005):

A memória coletiva, definida como ‘o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado’, pode, à primeira vista, opor-se quase termo a termo à memória histórica, como se opunham antes a memória afetiva e memória intelectual. Até os nossos dias ‘história e memória’ confundiram-se praticamente, e a história parece ter-se desenvolvido ‘sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização. (GOFF, 2005, 467-468)

Neste sentido, ao acionar a memória de meus informantes para ressignificar a história da Ilha de Outeiro, procurei instigá-los na busca de lugares simbólicos, cuja função, segundo Goff (2005), centra-se nos domínios da memória coletiva, ou seja:

os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória (GOFF, 2005,p.467)

Os “lugares simbólicos” que emergiram das narrativas/memórias dos sujeitos entrevistados estão intimamente relacionados com a história da Ilha de Outeiro como o antigo Colégio Agrícola, a Igreja Nossa senhora da Conceição das Ilhas, os meios de transporte coletivos, a chegada da energia, os momentos ordinários e extraordinários, marcados por festas e lazer e a Ponte Governador Enéias Martins Pinheiro.

Nessas memórias coletivas, a Ilha é descrita, pelos antigos moradores que lá residem há mais de 30 anos, como um lugar, que no passado era muito bom de viver. Lá havia a tranquilidade de se andar por toda a parte e não ser alvo de violência. As pessoas dormiam de portas e janelas abertas porque não havia perigo contra suas vidas ou seus bens materiais. Neste caso, ocorre

uma espécie de sublimação do tempo passado em detrimento do tempo presente por parte de tais moradores, posto que:

A memória coletiva ou individual, ao reelaborar o real, adquire uma dimensão centrada em uma construção imaginária e nos efeitos que essa representação provoca social e individualmente. Nesse sentido, o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica, haja visto que sua construção está associada ao vivido, como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual, associada a toda uma dimensão do inconsciente (MONTENEGRO, 2001, p.20)

O lazer por sua vez, vivenciado no espaço conhecido como Areião onde ocorrem as festas de aparelhagens apresentando a expressão musical conhecida como Tecnobrega², materializa-se como prática de afirmação de identidade cultural das classes populares oriundas das comunidades periféricas de Belém.

Para Thompson (1987) a compreensão de classe social está para além da perspectiva unilateral de ocupação dos sujeitos nas relações de produção, mas sob a ótica das experiências que fomentam as tradicionalizações, bem como as ressignificações dos valores, costumes e práticas cotidianas. Tais experiências se materializam em práticas de resistência e problematização das relações de poder, na qual o lazer emerge como território de produção cultural de afirmação identitária.

uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos (...). E na verdade o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições

2 Em termos estritamente musicais, o Tecnobrega é produzido basicamente através da manipulação computacional, em estúdio, de timbres, melodias e ritmos de danças locais e translocais atrelados a matrizes percussivas eletrônicas, ainda que a sua produção também esteja relacionada à atividade artística de bandas e eventos específicos denominados "festas de aparelhagem" (AMARAL, 2009, p.17).

existentes dentro do conjunto (THOMPSON,1998, p. 17).

1-TRANSFORMANDO O FAMILIAR EM EXÓTICO E O EXÓTICO EM FAMILIAR: A ETNOGRAFIA DA ILHA DE OUTEIRO

A Ilha de Caratateua, popularmente chamada de Ilha de Outeiro, está localizada a aproximadamente 35 km do centro de Belém, sendo a Ilha mais próxima da capital paraense, ligada ao continente pela Ponte Governador Enéas Martins Pinheiro. Possui um pouco mais de 63.353 habitantes e 14.266 domicílios, segundo relatório de Gestão de 2009 da Administração Regional de Outeiro. Pessoas que, em sua maioria, moram ali, mas, no entanto, trabalham em Belém ou no distrito vizinho, chamado Icoaraci.

Por ser conhecida e referendada como Ilha de Outeiro³, irei assim, chamá-la à partir de agora, não por desrespeito ou por desconhecer seu nome oficial, mas por ser Outeiro o nome preferido da população que ali reside, como bem expressa Marineide do Socorro Lima Franco⁴:

Desde muito antes de eu morar aqui já conhecia essa Ilha pelo nome de Outeiro... ela tem outro nome. Eu chamo de Outeiro e é assim que o pessoal daqui também chama, Outeiro é a cara daqui. (Entrevista concedida no dia 15 de fevereiro de 2012)

Embora Marineide e muitos moradores da Ilha não aprovem o nome “oficial” do lugar, não se pode desmerecer sua existência. Segundo Medeiros (1971), oficialmente, dois nomes são atribuídos à Ilha: Ilha de Caratateua e Ilha das Barreiras. As fontes consultadas consideram esta última denominação como a mais antiga e em desuso. E a associação da Ilha como “das Barrei-

3 O nome Outeiro (em Latim quer disser: altariu- “altar”) é uma pequena elevação de terreno. Era nos outeiros ou lugares altos, mais próximos dos céus, que se ofereciam as preces, as oferendas e sacrifícios ao Senhor. Fonte: Relatório de Gestão de 2009 da Administração Regional de Outeiro.

4 Nascida em Outeiro, 45 anos, solteira, voluntária na Ilha Nossa senhora da Conceição das Ilhas, residente no bairro: São João do Outeiro.

ras” ocorre em virtude das falésias que formam o “front” da Ilha.

Já Caratateua é de origem Tupi Guarani, que significa “Terra das Grandes Batatas” ou “Lugar das Muitas Batatas”, pois ali havia plantações de batata-doce em grandes quantidades. Atualmente, este nome segue somente nos documentos oficiais da Ilha e de mapas do Município de Belém. Outeiro. Como mencionado anteriormente, a população reconhece Outeiro como o nome da Ilha. Mas este, na verdade, é o nome do seu bairro central.

De acordo com a Lei: 7806 de 30 de julho de 1996, a Ilha possui quatro bairros, que são: Itaiteua, São João do Outeiro, Brasília e Água Boa. As demais regiões: Fama, Fidelis e Tucumaeira são zonas rurais, embora consideradas pela população como bairros. Já a Administração Regional do Outeiro/ AROUT, que representa o Poder Executivo Municipal no que tange a Administração Pública de caráter local e, assim, administra as 26 ilhas situadas na área insular do Município de Belém, considera a existência de mais um bairro: Água Cristalina.

A paisagem da Ilha é marcada por suas praias: do Redentor, dos Artistas, da Escadinha, Grande, do Amor, Ponta do Barro Branco e do Queral. Além dos balneários: Paraíso dos Reis e Curuperé. De acordo com os relatos de Rui Guilherme dos Santos⁵ em entrevista no dia 25 de fevereiro de 2012, a Praia Grande possui 650m só de praia. Esta é a maior praia e a mais frequentada da Ilha pelos banhistas por ser o local onde se concentram as barracas com comidas, bebidas alcoólicas, shows e festas de aparelhagens, assim como as casas de show, inclusive o Areião.

A Praia Grande, a exemplo de todas as praias da região das ilhas, pertencentes à Região Metropolitana de Belém – RMB, é praia de água doce. A beira-mar da Praia Grande é circundada por uma variedade de bares e restaurantes cujo cardápio tradicional é o “peixe frito”. De acordo com Rui Guilherme:

A grande frequência na praia é no final de semana. Isso aqui fica

5 Nascido em Outeiro, 42 anos de idade dos quais são 40 de vivência na Ilha, sub oficial do Corpo de Bombeiros do estado do Pará, residente no bairro: São João do Outeiro.

apinhado de gente. É muita criança brincando, famílias que passam o dia aqui fazendo piquenique. As barracas ficam lotadas. A diversão corre solta [...] o movimento entra pela noite. (Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2012)

O mercado formal da Ilha se concentra nos bairros da Brasília e Água Boa. As principais ruas desses bairros comportam uma zona de comércio bem movimentada, com lojas variadas, restaurantes e pequenas feiras. Já no bairro de São João do Outeiro é onde se concentra a parte administrativa da Ilha. É também neste bairro que se localiza o posto de saúde, delegacia, correios, e escolas de ensino fundamental e médio. A paisagem deste bairro comporta ruas asfaltadas, saneamento básico e iluminação pública. Nas principais ruas, as casas possuem característica de bangalôs – casarões avarandados com significativo jardim e quintal com muitos pés de árvores frutíferas. Por sua paisagem urbana, o bairro de São João do Outeiro é considerado área nobre da Ilha.

O cotidiano da Ilha de Outeiro é atravessado pelas influências socioeconômicas inerentes aos processos de urbanização tardios que se espalham nas cidades amazônicas, sobretudo a partir da década de 70 do século XX, a exemplo das lojas de equipamentos eletrônicos, moda, lazer e outros aspectos. Todavia, embora Outeiro apresente ares modernos, os saberes e fazeres da cultura local são considerados por muitos moradores como o “trabalho”, a identidade laborativa de uma parcela significativa da população da Ilha. Isto significa dizer que a economia de Outeiro tem forte vínculo com atividades extrativistas como o açaí e carvoarias. Grande parte da produção extrativista que é produzida e comercializada na Ilha é escoada por “carroceiros” que conduzem as “carroças”, espécie de carro de madeira fixado em duas rodas puxado por cavalo. Este imbricamento observado na economia da Ilha, misturando elementos do fazer tradicional do lugar com elementos do mercado urbano é resultado da “multiplicação e da intensificação das relações que se estabelecem entre os agentes econômicos situados nos mais diferentes pontos do espaço mundial” (MARTINS, 1996, p. 3).

Esta mistura de elementos locais com outros advindos de

espaços urbanos permite aos moradores de Outeiro afirmar que ali “existe quase um pouco de tudo”. Esta frase é reforçada por Rui Guilherme ao afirmar que a ilha é um bom lugar para se morar. Para ele:

A vida aqui é boa. Aqui tem de um tudo. Tudo que a gente precisa pra viver encontra aqui mesmo. Eu mesmo vou muito pouco em Belém. Só vou quando não acho o que quero por aqui ou quando acaba. (Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2012)

Embora os moradores entrevistados sejam quase que unânimes em considerar Outeiro como “bom lugar de se morar” não isenta o lugar de problemas de infraestrutura, como asfalto, saneamento básico e segurança. Na fala desses sujeitos, fica explícita a afirmativa de que, embora esses serviços públicos existam, são considerados insuficientes para atender a demanda de todos os bairros e seus moradores. Todavia, também é inegável nesses relatos, a percepção de melhorias e de que, em épocas passadas era bem pior de se viver, conforme relata Marineide:

logo no começo eu tinha muita vontade de me mudar daqui e dizia: ‘umbora’ se mudar daqui. ‘Umbora’ vender todo esse terreno. ‘Umbora’ pra Icoaraci que é mais perto pra estudar. Mas agora já tá bem movimentado, já tem transporte. O transporte passa na porta. Já tem mais facilidade (Entrevista concedida em 15 de fevereiro de 2012)

Os significados e formas de percepção da história da Ilha são expressos com riquezas de detalhes pelas narrativas de seus moradores que retratam este lugar por meio de suas memórias.

2-A Ilha na memória dos moradores

No processo de pesquisa e seleção de fontes me deparei com poucos registros oficiais sobre a história da Ilha de Outeiro, dificultando compreender sua trajetória. Por isso, tornou-se necessário o recurso metodológico da História Oral para, através

de relatos de antigos moradores, revelar o passado vivido na Ilha acionado pela memória coletiva e individual.

O lazer na Ilha era, e ainda é associado às praias, as casas de show e seus lugares paradisíacos. Estes elementos revelam a dimensão simbólica que povoam imaginários acerca de regiões insulares. De acordo com Diegues (1998):

No mundo moderno, as ilhas invadiram os meios de comunicação sendo vistas como últimos redutos do mundo selvagem, lugares paradisíacos para novas descobertas, aventuras e lazer tranquilo, configurando-se como um dos símbolos mais claros do exotismo (DIEGUES, 1998, p. 13).

As casas de show frequentes no relato dos moradores são: “Veleiro”, que não funciona mais; o “Lapinha”, que foi construído muito depois, atualmente só funciona no período de julho ou por alguma ocasião eventual; o “Caldeirão do Alan”, que, também, não funciona mais. É considerado como a casa de show que mais trouxe problemas para a população, no que se refere à violência, segundo relatos obtidos em entrevistas; O “Brisas”, que era um bar com músicas eletrônicas de rádio. Atualmente faz parte de seu funcionamento a apresentação de músicas ao vivo; o “Areião”, que funciona atualmente nos dias de segunda-feira e aos domingos. Este é o mais presente nos relatos dos moradores. A casa de show o Areião é de propriedade de Pedro Câmara, 58 anos, nascido em Breves, atualmente residente em Icoaraci. O Areião faz parte da história material da Ilha e da história social dos moradores do lugar. De acordo com os relatos adquiridos, o Areião pertencia a um padre que o alugava a uma senhora conhecida por Preta. Pedro, atual proprietário, limita-se a narrar a seguinte história a respeito de sua aquisição em entrevista:

Quando eu vim pra cá em 81, o Areião já existia há 17 anos. Naquela época, morava um cidadão aqui e não tinha nada na praia, ele botou um barzinho aqui e começou a vender cerveja com som. Não existia nada de barraca. Aí, ele botou um barzinho aqui e o pessoal vinha de canoa, os colegas dele vinham de canoa de remo, aí foi crescendo o movimento, crescendo o movimen-

to. Aí quando ele botou música o pessoal dançava em cima da areia. Aí o pessoal lá em Icoaraci dizia umbora para o Areião, porque era areia. Aí ficou o nome Areião. (Entrevista concedida em 18 de fevereiro de 2012)

No tempo presente, o Areião funciona aos domingos e as segundas-feiras. Segundo seu proprietário, as festas nesse dia da semana começaram com um grupo de taxistas.

O funcionamento às segundas-feiras começou com alguns taxistas, moradores da ilha que vinham no início da noite – final de expediente – tomar a “saideira” como eles chamavam. No começo eram poucos. Eles quase sempre vinham acompanhados de mulheres. Depois esse dia passou a ser “oficial” (depoimento de Pedro Câmara, em entrevista concedida em 14 de fevereiro de 2012)

A fala de Pedro Câmara revela que o caráter da “tradição” do Areião funcionar às segundas-feiras adveio de um simples encontro de fim de expediente. Todavia, à medida que tal feito se estabelece e é legitimado, ele assume a dimensão do que Hobsbawm (2002) define como tradição inventada, posto que:

O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez [...] por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 2002, p.9)

Mas muito antes do Areião ser conhecido pelas festas às segundas-feiras, ele já era considerado pelas famílias mais rígidas da Ilha como espaço inadequado para moças. Tal fato se revela na fala de Nazaré Franco quando diz:

Eu nunca fui lá. Eu ia assim, um dia a gente ia lá na praia e a gente dizia: “umbora lá no Areião. Umbora olhar. Umbora vê como é lá. Aí se juntava aquele bocado de gente, aquelas moças. Agente ia sempre com uma pessoa da família, né? Ai a gente ia olhar: tinha só aquele salão, aqueles bancos, os bancos do lado. Pronto, a gente saía dali e ia pra praia tomar banho (entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2012)

Movida pela curiosidade juvenil, Nazaré queria conhecer aquele espaço proibido. Aquela espaço tido pelos mais antigos, como “lugar do pecado, da perdição”. Esta memória, uma vez acionada, permite compreender acerca das relações de gênero ⁶vigentes na Ilha que, por sua vez, não se diferenciavam das existentes em outros espaços sociais brasileiros. Em outras palavras, neste período, havia rígida diferenciação entre o mundo público e o mundo privado. O primeiro, considerado um espaço eminentemente masculino e o segundo, feminino. A circulação das mulheres nos espaços das ruas e logradouros públicos dependia da função social dos mesmos e também, do horário. A presença das mulheres nesses espaços em hora inadequada deveria ser, via de regra, acompanhada do seu oposto, ou seja, do elemento masculino – pai, irmão ou outro parente. Era esse elemento oposto que garantia às mulheres a proteção necessária e, sobretudo, a manutenção da identidade social – mulher de família- que se contrapõe drasticamente às outras mulheres que circulavam livremente, rotuladas de “mulheres da rua”.

Atualmente, o Areião agrega diferentes pessoas de Outeiro, ou bairros e municípios próximos a Belém que querem se divertir, encontrar amigos, fazer amigos e que admiram as festas de aparelhagens. São mulheres, homens, homossexuais, jovens e adultos que chegam acompanhados ou sozinhos para “curtir” as festas que lá ocorrem. Chegar até o Areião para muitos mo-

6 A categoria gênero, do ponto de vista antropológico, significa papéis socialmente atribuídos ao homem e a mulher. Para maiores esclarecimentos ver: BADDINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. E também: RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. A utopia da Cidade disciplinar. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

radores da Ilha, ainda, é considerado algo proibido, mas para a maioria é algo possível, agora parece ser uma questão de gostar ou não de ir até lá, como demonstra Marizete Souza:

Não tenho problemas em frequentar o Areião, às vezes, minha mãe fica com medo, e fica me ligando pra saber se tá tudo bem. Venho, moro em Outeiro mesmo. Venho com minhas amigas e aqui a gente encontra os nossos amigos. (Entrevista concedida em 16/04/2013)

Todavia, ao mesmo tempo em que o Areião pode ser visto e interpretado – naquela época – como sensor à regra da moral e dos bons costumes da sociedade local, ele serve como referência no processo de (re) construção da história da Ilha, descrevendo um tempo que embora não exista mais, serve de referência identitária e memória social dos moradores da Ilha, como demonstra a fala de Rui Guilherme:

O Areião era um barracão comprido coberto de palha e do lado era só areia. Era uns cajueiros, cajuruzeiros e um igarapé bonito passando lá atrás. Ainda tem esse igarapé, só que tá coberto, né. Agente ia lá tomar banho, apanhar caju e muruci. Eram as coisas que mais tinham ali no lado do Areião. Ainda durou um bom tempo, mesmo com o Paulo, o Pedro no Areião, eles mantiveram um bom tempo as árvores lá, a casa ainda ficou antiga, mas depois eles derrubaram tudo [...]. Ainda tem um cajueiro antigão lá dentro que é mais velho do que eu. As festas aconteciam com essas árvores lá, na verdade, o barraco era mais pra se esconder, da chuva. Era tudo aberto. Tinha um barraco coberto onde ele fazia o bar, coberto de palha. Fizeram um cercadinho. Aquilo era parece uma prisão. O Areião teve suas épocas boas onde as pessoas iam mais pra dançar, elas nem bebiam. Agente saía da Igreja que eu era do grupo de jovem e ia pra lá. Naquele tempo era no sábado até 2 ou 3 horas da manhã. Agente vinha de lá juntos, eram poucas pessoas [...] O Areião na época da minha juventude foi uma coisa boa pra gente porque não tinha outra opção. As festas que tinham no Outeirense eram tradicionais, eram de 6 em 6 meses. Duas vezes no ano. O Areião era juventude, década de 80. Saindo do militarismo. Era revolução. E a gen-

te frequentava muito. Eram, graças a Deus, poucas brigas que tinham. Mas como eu tô lhe falando: depois da Ponte que o povo começou a vir. O Areião passou a ser um inferno. (Entrevista concedida no dia 24 de fevereiro de 2012)

O tom nostálgico e saudoso contido na fala de Rui Guilherme remete a célebre visão, muito recorrente no senso comum que coloca o tempo passado como o tempo bom de ser vivido.

3-O AREIÃO: LUGAR DE SOCIABILIDADE E PERTENCIMENTO NA ILHA DE OUTEIRO

A casa de show Areião, na dinâmica das experiências cotidianas, apresenta-se como território de representação das formas de ser e estar no mundo, no qual seus atores ao vivenciarem o lazer articulando a música, a dança e a comunicação expressam uma rede de significação dos conflitos emergentes das relações interpessoais e de poder nas dimensões afetivas, sociais, econômicas e culturais. Neste ambiente festivo cada participante atua diante de seu contexto sociocultural, portanto a “análise desses espaços sociais pode ensejar o acesso a fragmentos importantes da vida cotidiana do homem comum” (THOMPSON,1998, p.17).

Neste sentido, o ser humano em sua relação com o mundo define-se pelo significado que dá à ação e ao mundo que transforma. A sua ação no mundo, portanto, não é feita simplesmente de forma reflexa e material. Na medida em que o ser humano é ser que produz cultura, suas produções possuem valor simbólico.

Tomaremos como exemplos dois sujeitos frequentadores como público do Areião, os quais foram entrevistados durante a pesquisa: Wanderley e Maria da Paz. Sujeitos de lugares socialmente diferentes: a entrevista com Wanderley ocorreu na sala de reuniões de uma determinada Empresa de Economia Mista do Estado do Pará localizada no centro de Belém, local em que ele exerce o cargo de diretor. Já a entrevista com Maria da Paz aconteceu, ao ar livre, no meio da rua, em frente à casa onde ela trabalha como empregada doméstica.

Wanderley é engenheiro civil, com 63 anos, morador da Ilha e frequentador do Areião há 15 anos, conheceu sua atual companheira e mãe de sua filha de 8 anos nas festas do Areião, como ele relata:

Eu conheci ela no Areião num desses domingos. Eu tava lá com meu vizinho e ela tava disputando um concurso de Brega. Ai ela tava lá em cima e tal, né. Ai tava eu e o Michelin, Michelin é o cara que cuida da minha casa lá no Outeiro. Ai, eu me lembro que eu falei pra ele: “Michelin, o casal que ganhar ai, eu vou contratar pra me ensinar a dançar Brega no estilo de hoje”, que eu dançava no estilo antigo. Ai, ele me olhou e disse assim: “mas quando!” e eu respondi: “vou! Tu vai ver.” Ai, esse casal essa menina e o Roberto que era o parceiro dela ganharam. Ai eu fui atrás deles. Ai eu conversei com eles, a gente combinou, ai eu tive algumas aulas e acabou que eu acabei foi me enroscando com ela, em 2000, lá pela metade do ano (Entrevista concedida em 22 de maio de 2012).

Wanderley é um dos representantes do público que frequenta o Areião por se identificar com aquele espaço. Independente de Aparelhagem, ele se faz presente nas festas nos dias de domingo. Para ele, frequentar o Areião aos domingos significa não ser alcançado pelas lentes da discriminação. A diferença de idade entre ele e sua atual companheira não é visibilizada pelos demais frequentadores, como acontece, segundo ele, em outros lugares.

Outro sujeito entrevistado, Maria da Paz Santos Neves, moradora da Ilha, empregada doméstica, 31 anos, homossexual e mãe de um rapaz de 19 anos. Ela frequenta o Areião desde os 15 anos de idade, e já faz parte do seu cotidiano. Sua opção sexual também não é visibilizada pelos demais frequentadores:

Eu vou lá pelo Areião mesmo. É o Areião eu frequento desde os meus 15 anos. Eu vou de qualquer jeito. Não tenho a coisa do glamour. Eu vou de bermuda, calça comprida e blusa de manga. Não uso maquiagem. Vou de sandália mesmo. É o costume de tá lá, né? Eu não ligo pro ambiente, é só pra eu não passar o final de semana em casa. Eu passo a semana toda em casa e domingo eu

venho pro Areião. Meu filho fica mais em casa com a namorada dele. Ele não gosta, quando vai pra banda da praia, vai só tomar um banho e depois vai embora pra casa. (Entrevista concedida em 12/05/2012)

Às vezes, quando a gente vem do Areião, a gente já fica em outro lugar. Mas o foco principal é o Areião. É o costume, já faz parte da vivência já, se for pra outro local é na volta já. Primeiro é o Areião. A entrada é R\$ 5,00. Quando o aparelho é grande vai até R\$ 10,00. (Entrevista concedida em 06/05/2012)

A discriminação e exclusão que esses sujeitos sofrem –por motivos diferentes – em outros espaços sociais não ocorre no Areião. Eles constituem suas próprias representações identitárias, valorizando suas escolhas e superando preconceitos impostos por aqueles que não aceitam suas escolhas e os julgam por elas:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de “normais” (GOFFMAN, 2008, p.14).

Assim como eles, outros frequentadores demonstram um bem-estar em frequentar o Areião, há um sentimento de pertencimento em relação àquele espaço, como menciona Wanderley: “Eu me sinto revigorado ao chegar ao Areião”, de forma que, não “podemos pensar hoje o popular atuante à margem do processo histórico de constituição do massivo: o acesso das massas à sua visibilidade e presença social, e da massificação em que historicamente esse processo se materializa (MARTIN, 1986, p.29).

A popularização do Areião se estende para além dos domínios da ilha de Outeiro. Ela se espalha pelos bairros de Icoaracy, Tapanã, Benguí, Guamá, Terra Firme, Tenoné, além dos municípios como Ananindeua, Marituba, Benevides e outros. Neste

caso, é perceptível - pelo local de origem dos frequentadores - que a festa do Areião alcança toda a extensão da Região Metropolitana de Belém.

São esses frequentadores que chegam ao Areião e dividem o espaço com as “Baldeiras”⁷, interagem com elas durante as festas, respeitam seus trabalhos, as reconhecem nas ruas e consagram-nas como sujeitos essenciais para o andamento das festas.

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de “campos sociais”, tais como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos (WOODWARD, 2011, p.30).

Neste sentido, todos que no Areião se relacionam, são partes de grupos sociais que encontram nestas festas de aparelhagem, território de expressão das suas identidades. Isto significa situar-se em um espaço complexo de relações interpessoais pelas quais eles constroem e ressignificam suas próprias histórias. Questões que têm de forma implícita as “políticas de identidade” sob as quais as relações de poder vão se materializando em práticas de assimilação de identidades, ora reproduzidas e impostas pelas tradições culturais, normas sociais, ora construídas ou transformadas, como prática de negação das identidades tidas como estáticas.

A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela indica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue de outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). Nesta perspectiva, a identidade cultural parece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural. (CUCHE, 2002, p.177)

7 Sujeitos sociais extremamente importantes para a ocorrência das festas do Areião, as conhecidas “baldeiras” são mulheres de idades diversas que, com diferentes e difíceis histórias, são capazes de mostrar o quanto o trabalho feminino é frequente em ambientes como o estabelecimento em tela.

Identidade que se situa entre as fronteiras dinâmicas das relações de gênero, classe social e cultura. Questões que tem na construção humana do que sou ou estou sendo, os sujeitos situados em um grupo social que na dinâmica do Areião encontram seu território, seu tempo e espaço de saber ser e estar sendo.

Todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade segundo seus próprios critérios, e não apenas em se apropriar de uma identidade, em muitos casos, concebida pelo grupo dominante. (CUCHE, 2002, p.100)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, o resgate histórico da Ilha de Outeiro construído a partir das memórias narradas pelos sujeitos da pesquisa possibilitou-nos adentrar no território fértil de construção de significados do cotidiano de vida dos seus moradores.

Outeiro, por ser região insular com suas idiossincrasias e cotidianos marcados pela distância e certo isolamento do continente, permitiu aos moradores comporem uma espécie de imaginário coletivo, no qual a Ilha passa a ser vista como um local “bom de se viver”. Paralelo a esse aspecto, este imaginário coletivo também almeja ingressar no ritmo desenfreado e sem peias dos tempos modernos que há muito já havia se instalado na capital do estado e em outros municípios paraenses.

Já a casa de show Areião aparece ao longo deste estudo como espaço das mediações culturais (MARTIN, 1986) e também como o espaço propício para a materialização de lutas culturais (HALL, 2006). Neste sentido, investigar o Areião como propício para a mediação cultural permitiu revelar os novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que dão coesão à sociedade.

Na sequência, ao afirmar que o Areião também é um espaço de lutas culturais é considerar que este movimento se materializa de diversas formas: incorporação, distorção, resistência, negociação e recuperação (HALL, 2006). A incorporação é perceptível quando o espaço do Areião muda de função para uma

dimensão mais ampla. A distorção é simultânea ao primeiro movimento, uma vez que ocorre alteração da função anterior – de bar – para casa de show. Por outro lado, o movimento da resistência é proveniente dos embates, fruto de diferentes visões produzidas sobre o local ao longo de sua existência.

Também o Areião foi interpretado como espaço de sociabilidade e pertencimento. Estes sentimentos são recorrentes nas falas dos sujeitos investigados, sobretudo entre aqueles que frequentam o lugar e que são alvos de constantes confrontos por conta de seus estilos de vida. Neste sentido, o Areião aparece como espaço que acolhe as diferenças, tudo junto e misturado. Ali as pessoas são o que são, sem necessidade de máscaras sociais. Por conta deste acolhimento, é comum encontrar dentre os frequentadores, sujeitos sociais considerados, de acordo com Elias (1994) como “outsiders”, ou “fora da ordem, fora do lugar”. Muito mais para esses sujeitos sociais, o Areião se torna propício em produzir sentimentos de pertença, fazendo com que se sintam acolhidos, protegidos dos sensores em prol da manutenção de uma ordem social que segrega ao invés de aceitar, respeitar.

Em suma, investigar a ilha de Outeiro e o espaço social do Areião, me permitiu descortinar uma realidade social e cultural impensada. Penetrar no cotidiano do lugar, em sua historiografia, dar escuta aos sujeitos investigados se constituiu em matéria prima na feitura desta dissertação. Que ela sirva de inspiração para outras pesquisas não só sobre a ilha de Outeiro, mas também e sobretudo sobre outros lugares que compõem o rico mosaico cultural do estado do Pará e da Amazônia.

REFERÊNCIAS

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2002.

DIEGUES, Antônio Carlos. Ilhas e Mares; simbolismo e imaginário. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

GOFF, Jacques Le. História e Memória. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

GOFFMAN, E. Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Editora LTC. 2008.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006.

HOBBSBAWN, Eric. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia: Editora UFRJ – 1986.

MARTINS, Carlos Estevam; “Da Globalização da Economia à Falência da Democracia”, in Economia & Sociedade, Vol.6: Unicamp, Campinas, 1996.

MEDEIROS, Ana Maria de Souza. Aspectos da Ilha de Carateua Belém – Pará: IDESP, 1971.

MONTENEGRO, A. T. História oral e memória; a cultura popular revisada. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, T. T; HALL, S; WOODWARD, K. Identidade e Diferença: Editora Vozes. 2011.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

_____, Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

